



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 01/06/2016 a 07/07/2016

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
01/07/2016	11,68	404,80	31,03	4,16	3,53
04/07/2016	feriado	feriado	feriado	feriado	feriado
05/07/2016	11,17	385,40	30,82	4,19	3,44
06/07/2016	11,06	386,00	30,25	4,15	3,35
07/07/2016	10,45	370,00	29,73	4,12	3,35
Média	11,09	386,55	30,46	4,16	3,42

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	86,85	-0,80
RS - Santa Rosa	86,55	-0,69
RS - Ijuí	86,55	-0,69
PR - Cascavel	88,05	-1,68
MT - Rondonópolis	83,40	-2,34
MS - Ponta Porá	81,20	-1,69
GO - Rio Verde (CIF)	83,50	-1,65
BA - Barreiras (CIF)	79,10	-1,98
MILHO		
Argentina (FOB)**	176,00	-6,38
Paraguai (FOB)**	158,51	0,00
Paraguai (CIF)**	202,50	3,58
RS - Erechim	54,10	-7,36
SC - Chapecó	52,50	0,00
PR - Cascavel	38,50	-3,51
PR - Maringá	37,70	-5,51
MT - Rondonópolis	30,50	-1,61
MS - Dourados	34,30	-5,77
SP - Mogiana	38,90	-4,89
SP - Campinas (CIF)	42,27	-2,49
GO - Goiânia	39,50	-4,36
MG - Uberlândia	44,35	-2,42
TRIGO		
RS - Carazinho	850,00	0,00
RS - Santa Rosa	850,00	0,00
PR - Maringá	925,00	0,00
PR - Cascavel	925,00	0,00

*Período entre 01/07/2016 a 07/07/16

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 07/07/2016**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	45,40	80,11	40,05

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
07/07/2016**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	46,57
Feijão (saco 60 Kg)	183,00
Sorgo (saco 60 Kg)	39,74
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,09
Boi gordo (Kg vivo)*	5,48

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja novamente oscilaram bastante nesta semana. Após voltarem a atingir US\$ 11,68/bushel, recuaram fortemente no restante da semana, fechando a quinta-feira (07) em apenas US\$ 10,52/bushel. Esse valor não era visto desde o início de maio passado. Em uma semana o bushel perdeu mais de um dólar em Chicago. A média de junho ficou em US\$ 11,46 para o primeiro mês cotado.

O movimento baixista em Chicago indica que o peso do plantio se faz presente nos EUA, com aumento de 1% na área em relação a 2015 (a atual área semeada é recorde naquele país). Além disso, o clima transcorre muito bem, por enquanto afastando os temores em relação ao La Niña.

O farelo de soja voltou a recuar, atingindo níveis de US\$ 370,00/tonelada curta, enquanto o óleo trabalhou novamente abaixo dos 30 centavos de dólar por libra-peso no fechamento do dia 07/07. No caso do óleo trata-se do mais baixo valor desde meados de janeiro do corrente ano.

Nesse contexto, as condições das lavouras de soja nos EUA, até o dia 03/07, estavam em 5% ruins a muito ruins, 23% regulares e 72% entre boas a excelentes.

O que se observa, diante deste quadro de oferta é que as altas continuaram sendo exageradas em Chicago, não condizendo com os fundamentos do mercado. Nesse sentido, em não havendo problemas climáticos nos EUA não há como Chicago se manter nestes níveis, salvo ocorrências extraordinárias no campo econômico ou político. Mesmo o recuo do dólar, facilitando as exportações estadunidenses, não tem mais ajudado a segurar o recuo das cotações.

Nesse sentido, vale destacar que as previsões de clima para julho nos EUA são positivas, com as chuvas acontecendo regularmente. Assim permanecendo, o país norte-americano poderá alcançar um novo recorde em sua produção de soja a partir de outubro próximo.

Isso poderá aparecer já no próximo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 12/07. O mercado começa a considerar que o mesmo trará correções para cima no volume de safra a ser colhido pelos EUA.

Quanto às exportações líquidas dos EUA, as mesmas atingiram a 1,53 milhão de toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado.

Na Argentina, a colheita chegou a 97% da área total e vai confirmando uma safra ao redor de 58 milhões de toneladas.

No Brasil, diante de um câmbio que continuou entre 3,20 e 3,35, as cotações da soja recuaram. E só não caíram mais graças as intervenções do Banco Central no câmbio, que tenta estabelecer um piso, para a moeda nacional, ao redor de R\$ 3,20 (há parcelas do mercado financeiro apontando que o mesmo poderá chegar a R\$ 2,90 tamanha é a entrada de dólares especulativos no país em função de nossos altos juros).

Ao mesmo tempo, a oferta de soja da safra passada já é pequena, travando os negócios, sem falar que os produtores que a possuem seguram o produto na expectativa de que os preços voltem a melhorar no futuro próximo.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 80,11/saco (há muitas regiões já negociando soja balcão a R\$ 78,00/saco), enquanto os lotes ficaram entre R\$ 84,00 e R\$ 84,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes giraram entre R\$ 76,00/saco em Pedro Afonso (TO) e Uruçuí (PI), R\$ 76,50/saco em Sorriso e Diamantino (MT), até R\$ 86,50/saco em Pato Branco (PR).

O quadro futuro de preços dependerá do clima nos EUA e do câmbio no Brasil. No primeiro caso, em o mesmo continuando normal, Chicago poderá retornar para a casa dos US\$ 8,50 a US\$ 9,50/bushel no momento da colheita dos EUA, em setembro/outubro. Caso contrário, o bushel poderá disparar e superar os US\$ 12,00/bushel dependendo das perdas. Quanto ao dólar no Brasil, por enquanto a tendência é de o mesmo se estabelecer entre R\$ 3,20 e R\$ 3,50 a julgar pelas ações do Banco Central. Muito irá depender da manutenção ou não da Selic nos atuais níveis, fato que depende, por sua vez, do comportamento da inflação no imediato. Por enquanto, a pressão inflacionária continua e a tendência é a Selic fechar o ano nos atuais 14,25%, embora a estratégia inicial do governo seja de trazê-la para níveis de 12,5% ainda neste ano. Como os juros internacionais continuam muito baixos e até negativos em alguns países, caso do Japão, o dólar especulativo tem vindo com força ao Brasil, fortalecendo o Real.

Em termos de preços futuros, os mesmos ficaram entre R\$ 80,50/saco FOB interior gaúcho e R\$ 71,00/saco FOB em Rondonópolis (MT), para o período de março a maio de 2017.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 16/06/2016 a 07/07/2016.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 16/06 e 07/07/2016 (CBOT)

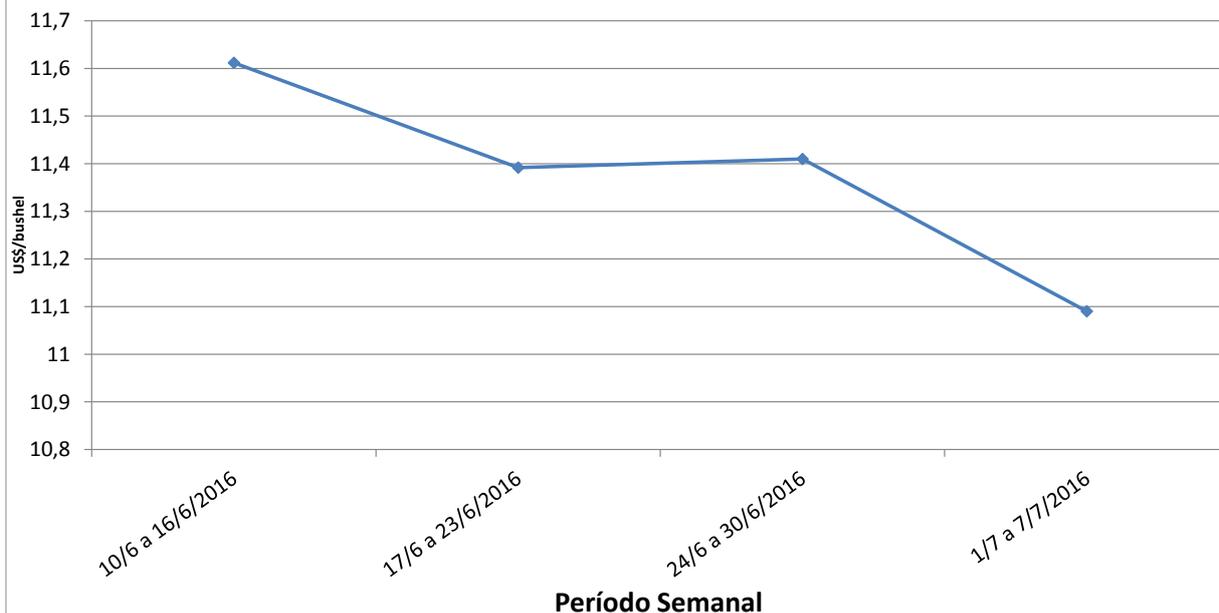
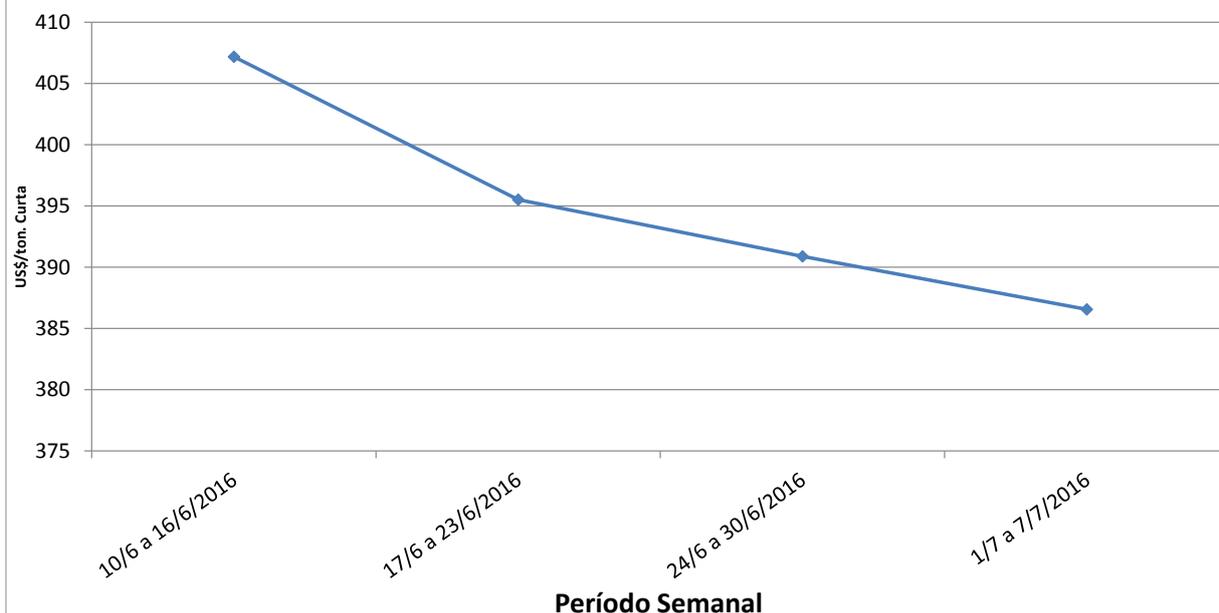
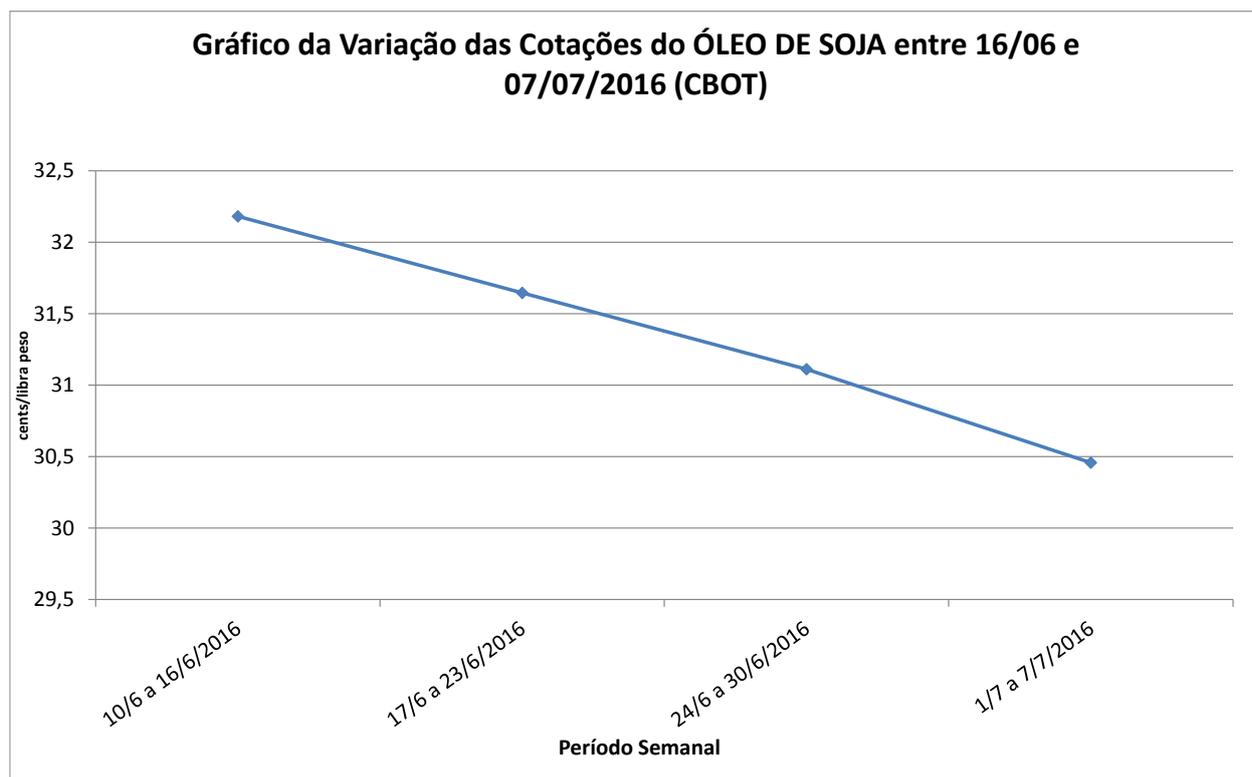


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 16/06 e 07/07/2016 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago despencaram durante a semana, fechando a quinta-feira (07) em US\$ 3,35, contra US\$ 3,58 uma semana antes e US\$ 4,10 na média de junho.

O período crítico das lavouras dos EUA (julho) se iniciou com chuvas normais e projeção de safra recorde a partir de um aumento de 7% na área semeada. Nesse contexto, somente problemas climáticos importantes devem reverter o quadro baixista em Chicago. Sobretudo porque as projeções climáticas para o restante de julho são positivas no país.

A expectativa é de que, contrariamente à soja, o mercado do milho já tenha precificado essa nova realidade das lavouras dos EUA e, com isso, o recuo nas cotações se limite aos atuais níveis. Chuvas no final de semana anterior no Meio Oeste dos EUA chegaram a atingir a 100mm em algumas regiões.

Já as exportações semanais ficaram em 1,16 milhão de toneladas na semana anterior, sem grandes surpresas.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB para exportação ficou em US\$ 174,00 e US\$ 160,00 respectivamente, confirmando uma tendência de baixa na região.

Aqui no Brasil o preço do cereal continuou cedendo, porém, em ritmo menor. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 45,40/saco, enquanto os lotes se estabeleceram em R\$ 50,00/saco no norte do Estado. Já nas demais praças nacionais

os lotes oscilaram entre R\$ 26,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 48,00/saco nas regiões catarinenses de Videira, Canoinhas e Mafra.

Nesse momento, diante da pressão da safrinha, o câmbio e o preço no porto passam a ser fundamentais para definir se haverá ou não novas altas nos preços do milho. Por enquanto, as mesmas parecem difíceis. Além disso, os volumes exportados devem ser importantes para puxar os preços para cima, mesmo com a quebra na safrinha (segundo Safras & Mercado a mesma ficará em 49,8 milhões de toneladas).

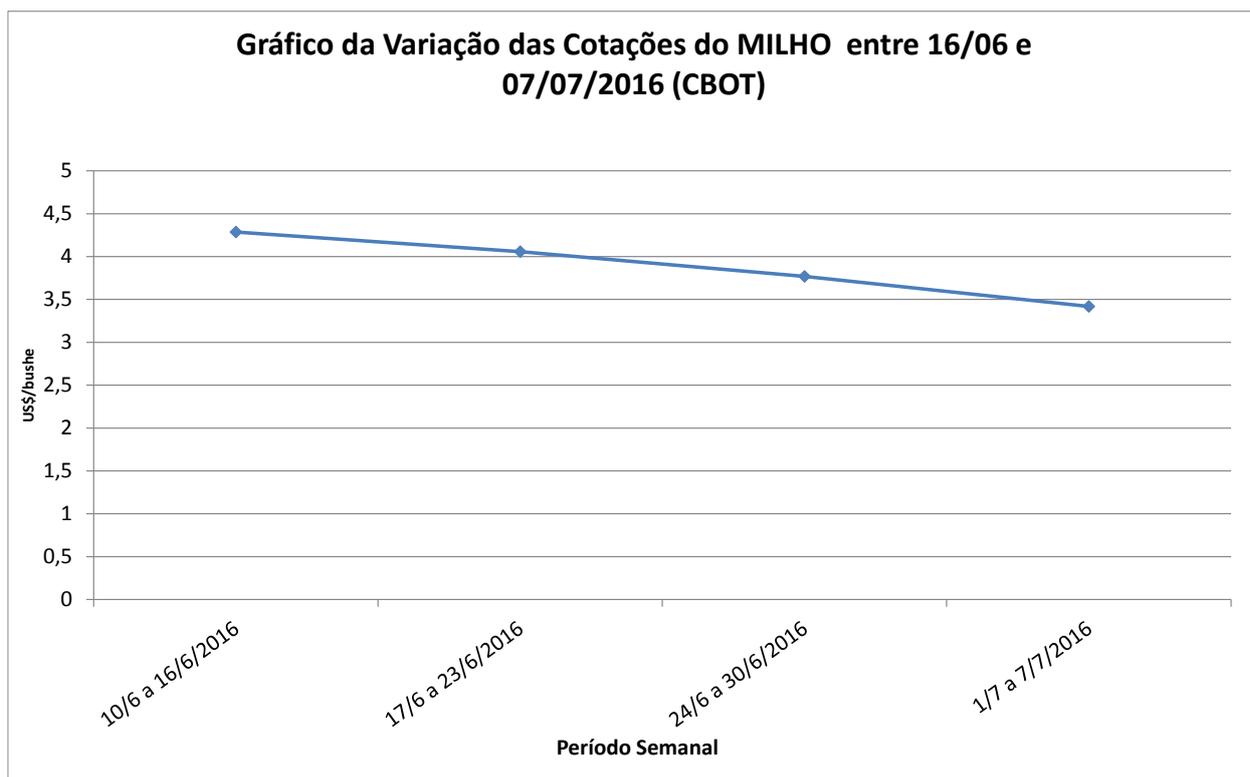
Por outro lado, a queda das cotações em Chicago diminuiu os preços na exportação, além da forte valorização do Real nos últimos 10 dias. Aliás, a intervenção do Banco Central brasileiro visando segurar o câmbio entre R\$ 3,20 e R\$ 3,50 por dólar deu alguma esperança aos exportadores nesta semana. Mesmo assim, e por enquanto, os preços internos estão melhores do que os externos. Assim, a oferta no interior paulista continuou ao redor de R\$ 40,00/saco no disponível, enquanto o referencial Campinas se manteve em R\$ 43,00/saco CIF também no disponível (cf. Safras & Mercado)

A tendência parece ser de preços ainda um pouco mais baixos, se estabilizando posteriormente e ficando na dependência do volume a ser exportado pelo Brasil, assim como do clima sobre a futura safra de verão nacional.

Por falar em exportação, a programação de embarques de milho para julho atinge a 1,08 milhão de toneladas no momento. Lembramos que o USDA projeta vendas externas brasileiras de milho na faixa de 23 milhões de toneladas para este ano 2016/17. Um novo relatório de oferta e demanda sairá em 12/07 e passa a ser aguardado com interesse. Afinal, o mesmo igualmente irá redefinir a futura colheita estadunidense.

A semana terminou com a comercialização muito lenta no mercado físico brasileiro, com inviabilização das exportações para novos negócios diante dos preços internacionais e do câmbio no país. Por enquanto, o mercado acredita que não haverá mais recuos nos preços, porém, há pouco espaço para altas igualmente (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 16/06/2016 a 07/07/2016.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago igualmente cederam fortemente nesta semana inicial de julho. O bushel do produto fechou a quinta-feira (07) em US\$ 4,12, após US\$ 4,31 uma semana antes e US\$ 4,74 na média de junho.

Além da pressão baixista exercida pela soja e pelo milho, o trigo também sofreu influência do fato de que a área semeada nos EUA (20,56 milhões de hectares) que, apesar de recuar 7% em relação ao ano anterior, acabou ficando 2,5% acima do projetado em março passado e igualmente 2,15% superior ao esperado pelo mercado.

Afora isso, até o dia 03/07, a colheita do trigo de inverno nos EUA chegava a 58%, superando a média histórica de 55% para esta época do ano. Soma-se a isso o fato de que 62% das lavouras a serem colhidas deste trigo estarem entre boas a excelentes condições. Por outro lado, 72% das lavouras de trigo de primavera se encontravam entre boas a excelentes condições naquela data.

Ao mesmo tempo, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, para o ano 2016/17, iniciado em 1º de junho, somaram 645.300 toneladas na semana encerrada em 23/06, superando as expectativas do mercado, porém, sem trazer efeitos altistas sobre os preços. Já as inspeções de exportação somaram 560.598 toneladas na semana encerrada em 30/06. No acumulado do ano comercial iniciado em 1º de junho o volume chega a 2,27 milhões de toneladas, contra 1,61 milhão em igual período do ano passado.

Por sua vez, a FAO indicou que a média das cotações de referência do trigo para 2017 recuará para US\$ 211,70/tonelada, contra um preço médio esperado para 2016 de US\$ 216,50/tonelada.

Paralelamente, a tonelada FOB para exportação no Mercosul se manteve entre US\$ 210,00 e US\$ 230,00.

No Brasil, os preços do cereal se mantiveram estáveis. O saco de 60 quilos no balcão gaúcho ficou em R\$ 40,05, enquanto os lotes registraram R\$ 830,00/tonelada ou R\$ 49,80/saco. No Paraná, os lotes continuaram em R\$ 900,00/tonelada ou R\$ 54,00/saco.

O ritmo de negócios continua lento devido a falta de produto de qualidade. Além disso, o recuo nos preços do milho leva as indústrias de ração a diminuírem o interesse pelo trigo, algo que já vem de alguns dias e não deverá parar tão cedo. Ao mesmo tempo, os baixos preços mundiais, aliados a um Real forte, torna as importações muito competitivas, segurando ainda mais o preço interno.

Em termos de plantio, enquanto a Argentina chega a 62% de sua área, confirmando atraso de 8% no mesmo, aqui no Brasil o Paraná chega praticamente ao seu encerramento, confirmando um recuo de 16% na área semeada. No Rio Grande do Sul, o plantio atingia ao redor de 70% da área, confirmando recuo de 15% na mesma em relação ao ano passado. Com o retorno das chuvas na região produtora gaúcha nesta última semana, o plantio deverá ser acelerado e concluído até o 15/07.

Nesse contexto, por enquanto não há tendência de novas altas no trigo nacional. Posteriormente, dependendo da safra que o país terá, alguma reação poderá haver, porém, muita coisa irá depender do câmbio e de Chicago. Por enquanto, estes dois últimos fatores estão extremamente favoráveis aos importadores, pois colocam o trigo estrangeiro mais barato do que o nacional, mesmo com este último não tendo reagido muito nas últimas semanas.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 16/06/2016 a 07/07/2016.

Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 16/06 e 07/07/2016 (CBOT)

